

O ENSINO DE ECONOMIA NO BRASIL: DESAFIOS ATUAIS

Mariano Francisco Laplane¹

Diversos fatores têm propiciado, nos últimos meses, um rico debate sobre o presente e o futuro do ensino de economia no Brasil. Entre outros, cabe mencionar a preocupação com a queda da procura pelos cursos de graduação em economia, as dificuldades na implementação da reforma curricular em alguns centros de ensino e a percepção da importância de aprimorar permanentemente a qualificação profissional dos economistas. Estes temas foram objeto de debate em encontro recente organizado pelo Conselho Regional de Economia do Estado de São Paulo, e, seguramente, serão também debatidos no próximo encontro da ANGE e no ENECO. O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre estes assuntos, a partir da experiência do curso de economia da UNICAMP.

O curso de graduação em economia da UNICAMP pretende formar profissionais de elevada qualificação técnica e com clara consciência de cidadania. Em outras palavras, pretende formar profissionais responsáveis e aptos a enfrentar os desafios que o mundo atual coloca para a sociedade brasileira. A formação de profissionais com esse perfil exige intenso trabalho de aprendizado e de reflexão sobre a dinâmica das economias de mercado, particularmente daquelas que, como a brasileira, apresentam profundas desigualdades e ocupam posição periférica na economia mundial. O estudo de teoria econômica, de história, de métodos quantitativos, dos aspectos institucionais que regulam os setores público e privado e das formas de organização e administração das empresas nos diversos setores econômicos deve ser articulado ao longo dos quatro anos de duração do curso. Deve-se, também, articular o aprendizado teórico com o treinamento prático, de modo a aproximar os futuros economistas dos problemas concretos que deverão encontrar no exercício da profissão. Embora uma das

¹ Professor Doutor do Instituto de Economia e Coordenador da Pós-Graduação de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

hipóteses levantadas para explicar a recente queda da procura pelos cursos de graduação em economia seja o desencontro entre as exigências do mercado e as qualificações que os cursos oferecem atualmente aos alunos, na nossa experiência o atual curriculum atende adequadamente aos requisitos indispensáveis para a formação de profissionais de excelência, que são aqueles que disputam as melhores oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

O intercâmbio com empresas de diversos setores, com instituições públicas e privadas que recrutam economistas formados na UNICAMP e com nossos ex-alunos tem mostrado que o "mercado" demanda hoje dos economistas, principalmente, capacitação técnica, maturidade intelectual e capacidade de aprendizado, para exercer suas responsabilidades em um contexto de profundas transformações na economia. Espera-se dos economistas: o desenho de novas estratégias, a identificação de novas oportunidades, o ensaio de novas formas de organização, capacidade de antecipação e de implementação ágil de respostas às iniciativas do governo e dos concorrentes. Em suma, pretende-se que eles sejam agentes ativos do processo de reestruturação atualmente em curso na economia brasileira.

Os reflexos das novas prioridades sobre os critérios de recrutamento são a valorização da maturidade intelectual e emocional, da capacidade de decisão em ambientes conflituosos e da iniciativa. A capacidade de aprender torna-se aliado essencial do conhecimento já acumulado. A capacidade de atuar em contextos em transformação torna-se mais importante que a capacidade de internalizar rotinas previamente definidas. Em outras palavras, a capacidade de análise, de antecipação e de iniciativa tornam-se critérios de seleção determinantes.

As implicações do novo quadro para o ensino de economia são da maior relevância. A atual situação representa um importante desafio para os cursos de graduação em economia. De um lado, o mercado de trabalho em transformação coloca os economistas em concorrência com outros profissionais - administradores e engenheiros - que também podem contribuir para a solução dos problemas de reestruturação das empresas e das instituições. De outro lado, os atributos que o mercado hoje valoriza são exatamente aqueles que os

cursos de graduação podem e devem enfatizar na formação profissional dos economistas.

Os cursos de graduação em economia devem promover, de maneira mais sistemática, a maturidade emocional e intelectual dos alunos e prepará-los para atuar em situações de conflito e mudança. Não basta transmitir informações, é preciso ensinar a aprender. É necessário ensinar a analisar o contexto das transformações em curso na economia e na sociedade brasileira, para poder antecipar os obstáculos e as oportunidades. É preciso ensinar a decidir levando em conta os aspectos internos às empresas e às organizações e o contexto mais amplo em que estão inseridas.

A atual estrutura curricular propicia a implementação de um trabalho de formação que desenvolva as habilidades que o mercado demanda. A adequada articulação de disciplinas teóricas (que promovem a capacidade de abstração e de raciocínio sistemático) com disciplinas humanísticas (que permitem contextualizar os atuais problemas e tendências de mudança e com disciplinas da área quantitativa (que fornecem métodos rigorosos de formulação e de análise dos problemas) é recurso precioso para fomentar a capacitação profissional e a maturidade intelectual. O pluralismo é fundamental, na medida em que permite explicar as divergências que sempre marcaram a economia como ciência e como técnica relativamente à produção e à apropriação de riqueza. Dessa forma, o pluralismo contribui para que os futuros economistas aprendam a ter uma visão crítica em relação aos seus conhecimentos e às implicações éticas e sociais de sua prática profissional. Contribui também para o amadurecimento intelectual e pessoal, ensinando os futuros profissionais a atuar em contextos conflituosos, onde existem interesses e pontos de vista divergentes.

Paralelamente ao aprendizado em sala de aula, os cursos de economia devem promover outras formas de treinamento que complementem o trabalho de formação dos futuros profissionais. Estágios, ciclos de palestras sobre os problemas de setores/áreas diversos da economia, debates sobre política econômica, grupos de leitura dirigida de estudos, jornais e revistas, entre outras, são atividades extra-sala de aula que devem ser fomentadas. A monografia é peça essencial da propos-

ta e não deve ser abandonada, na medida em que coloca o profissional praticamente formado perante um desafio crucial para testar sua capacitação e maturidade.

Em síntese, o atual currículo oferece oportunidades valiosas para que os cursos de graduação em economia “diferenciem” positivamente o perfil profissional de seus alunos, melhorando sua futura inserção no mercado de trabalho em relação à de outros profissionais. Estas oportunidades podem e devem ser exploradas com criatividade por cada centro de ensino. É fundamental que as experiências bem sucedidas e os problemas sejam amplamente divulgados para que haja um aprendizado coletivo mais eficiente.